



DIANA CORRADI

**A PALATALIZAÇÃO DE /T/ E /D/ DIANTE DE /I/ NA FALA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE CHAPECÓ/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Claudia Rost Snichelotto

Co Orientador Prof.<sup>a</sup>: Dr.<sup>a</sup>. Athany Gutierrez

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 11/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.<sup>a</sup> Dra. Diane Dal Mago (UNISUL)

Prof.<sup>a</sup> Dra. Morgana Fabiola Cambrussi (UFFS)

# A palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ e /e/ na fala de crianças e adolescentes de Chapecó/Santa Catarina<sup>1</sup>

DIANA CORRADI<sup>2</sup>

[dianacorradi2015@gmail.com](mailto:dianacorradi2015@gmail.com)

**RESUMO:** Este artigo investiga a palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ e /e/ na fala de informantes de Chapecó/SC (“tia”, “dindo”, “gente”, “onde”), a partir da perspectiva da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 2008 [1972]). Os objetivos específicos são identificar os condicionamentos linguísticos e sociais que compõem a regra variável de palatalização das oclusivas alveolares e verificar se o fenômeno da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em Chapecó/SC apresenta indícios de um caso de variação estável ou de mudança em progresso. A metodologia envolve a investigação de uma amostra selecionada de oito entrevistas de informantes de Chapecó, a análise estatística dos dados coletados e a interpretação dos resultados obtidos. Os resultados indicam que a palatalização é um fenômeno variável na fala dos informantes, favorecida por contextos em que a vogal é alta e fonologicamente marcada (“tia”, “dindo”). O trabalho conclui que a palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ e /e/ é um fenômeno linguístico complexo e influenciado por diversos fatores sociais, históricos e culturais. Após a verificação, mesmo com taxas não tão expressivas de aplicação da regra (23,3%), pode-se concluir que existe a mudança progressiva das palavras no processo de palatalização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Palatalização das oclusivas alveolares; variação linguística; português brasileiro; sociolinguística laboviana.

**RESUMEN:** Este artículo investiga la palatalización de /t/ y /d/ delante de /i/ y /e/ en el habla de informantes de Chapecó/SC ("tia", "dindo", "gente", "donde"), desde la perspectiva de la Sociolingüística Cuantitativa (LABOV, 2008 [1972]). Los objetivos específicos son identificar los condicionamientos lingüísticos y sociales que componen la regla variable de palatalización de las oclusivas alveolares y verificar si el fenómeno de la palatalización de /t/ y /d/ en portugués hablado en Chapecó/SC presenta indicios de un caso de variación estable o cambio en progreso. La metodología implica la investigación de una muestra seleccionada de ocho entrevistas de informantes de Chapecó, el análisis estadístico de los datos recogidos y la interpretación de los resultados obtenidos. Los resultados indican que la palatalización es un fenómeno variable en el habla de los informantes, favorecida por contextos en que la vocal es alta y fonológicamente marcada ("tia", "dindo"). El trabajo concluye que la palatalización de /t/ y /d/ delante de /i/ y /e/ es un fenómeno lingüístico complejo e influenciado por diversos factores sociales, históricos y culturales. Después de la verificación, incluso con tasas no tan expresivas de aplicación de la regla (23,3%), se puede concluir que existe el cambio progresivo de las palabras en el proceso de palatalización.

**PALABRAS-CLAVE:** Palatalización de las oclusivas alveolares; variación lingüística; portugués brasileño; sociolingüística laboviana.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga a palatalização das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal alta anterior /i/ e média-alta /e/ (/t/ia → [tʃ]ia, /d/ia → [dʃ]ia, fon/t/e →

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Profª. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto. Coorientadora: Profª. Dra. Athany Gutierrez.

<sup>2</sup> Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus Chapecó*.

fon/tj/e, on/d/e → on/dj/e), na fala de 8 (oito) informantes de Chapecó/SC, segundo a perspectiva da Sociolinguística Quantitativa. A Sociolinguística ou Teoria da Variação tem como pioneiros os estudos de William Labov nos Estados Unidos nas décadas de 60-70 (Labov, 2008 [1972]). O primeiro estudo de Labov foi em 1963, sobre o inglês falado na Ilha de *Martha's Vineyard* no estado de *Massachusetts* (Estados Unidos), sobre a centralização da primeira vogal dos ditongos. Outro importante estudo para a formação das pesquisas em variação foi a investigação na produção de /r/ nas lojas de departamentos em Nova Iorque. De acordo com Tarallo (1986), o modelo teórico-metodológico dos estudos sociolinguísticos inaugurado por Labov é uma reação à ausência do estudo sobre o comportamento social no modelo gerativista. Então, foi Labov que voltou a insistir na relação entre língua e sociedade, na sistematização da variação existente na língua falada a partir do tratamento estatístico de quantidade considerável de dados.

Segundo Mollica (2010), a sociolinguística é uma das áreas da linguística que estuda os processos de mudança e variação da fala de uma comunidade, voltando-se para a investigação de aspectos linguísticos e sociais, e de contato com outras línguas. A Sociolinguística tem suma importância para o estudo do social na linguagem, incluindo-se investigações de pequenos grupos e de comunidades maiores. Um olhar sociolinguístico da sociedade é revelador da heterogeneidade ordenada (Labov, 2008 [1972]) da fala nas diferentes comunidades.

A variação linguística é um fenômeno universal, inerente às línguas naturais, e presume a presença de formas linguísticas alternadas para expressar o mesmo significado, chamadas de *variantes* (Mollica, 2010). A concordância do verbo e o sujeito é uma variável linguística (sintática), por exemplo: “as menina[Ø] chegaram”, “as coisa[Ø] bonita”. A concordância nominal ou a não concordância, como nos exemplos citados, são exemplos de variantes.

Uma *variável* pode significar fenômeno em variação, e também o grupo de fatores sociais (extralinguísticos) e gramaticais (linguísticos) que têm efeito sobre um processo ou regra variável. Alckmin (2012) explica que a situação ou contexto social faz com que o indivíduo mude ao longo do tempo sua forma de falar, de acordo com variáveis discursivas (contextuais) e estilísticas (mais ou menos formal), por exemplo. Um exemplo de fenômeno variável condicionado social e gramaticalmente é o levantamento da vogal média átona anterior /e/, cujo processo é desfavorecido por homens, empregadores ou trabalhadores dos

setores público e privado, e em não verbos; é favorecido por sujeitos com alto nível de escolaridade (Pós-Graduação) e usualmente em vocábulos precedidos por uma consoante alveolar (Santos; Gutierrez, 2022).

Desde Labov, a sociolinguística vem se desenvolvendo como ciência e apresentando inúmeras evidências que comprovam as hipóteses labovianas sobre a estrutura ordenada da língua. De acordo com Eckert (2012 traduzido por Oliveira; Rockenbach; Gutierrez, 2022), os estudos sociolinguísticos hoje podem ser classificados em três ondas: a primeira onda correlaciona variáveis a categorias sociais e linguísticas (estudos labovianos); a segunda onda inclui o exame etnográfico para a exploração das categorias sociais; e a terceira onda argumenta que a variação é um sistema semiótico composto por uma gama de questões sociais complexas, em que as variáveis ganham significado a partir do contexto estilístico. Para a autora, “a variação não apenas reflete, mas também constrói o significado social e, portanto, é uma força na mudança social” (Oliveira; Rockenbach; Gutierrez, 2022, p. 268).

Como vimos, a primeira onda de estudos de variação começou com o estudo de Labov (1966) sobre a estratificação social do inglês em Nova York. As principais descobertas de Labov foram replicadas em vários estudos urbanos no final dos anos 1960 e 1970, não apenas na América do Norte e na Grã-Bretanha (por exemplo, Wolfram, 1969; Trudgill, 1974; Macaulay, 1977), mas também em outros lugares, como o Panamá (Cedergren, 1973) e Irã (Modaresi, 1978). Estes estudos estabeleceram um padrão de contribuições socioeconômicas das formas linguísticas, com maiores diferenças regionais e étnicas nos níveis mais baixos na classe socioeconômica, bem como uma maior utilização das formas não padronizadas mais comuns.

O fenômeno variável que é objeto do nosso estudo é a palatalização das oclusivas alveolares /t, d/ no português brasileiro. Na palatalização, a língua toca um pouquinho mais atrás da boca, perto do palato duro, e nesta posição antecipa a produção do som do /i/, que se estende à palatalização que desencadeia [i]. Também pode acontecer um escape de ar entre a articulação (movimento da boca), ao final da articulação da consoante, assim acontece a africção ou o chiado que percebemos durante a produção da fala (Battisti, 2014). A vogal alta desencadeadora da palatalização pode ser um /i/ não derivado, como podemos perceber em d/i/a e t/i/a, ou derivado da vogal média-alta /e/, como em gent[i] e ond[i], como ocorre na maioria das variedades de português brasileiro. A palatalização é considerada uma regra inovadora, um dos fenômenos que distingue o português brasileiro das variedades do português europeu, africano e asiático, e seu processo de difusão parece iniciar nos grandes

centros urbanos e espalhar-se para comunidades do interior (Noll, 2008).

Battisti e Guzzo (2009, p. 114) esclarecem que “em comunidades onde o contato português-italiano se fez ou ainda se faz presente, os índices de palatalização são modestos e o processo é interpretado como variação na mudança em progresso”. Sendo assim, podemos dizer que o fato de o indivíduo ter contato com outras línguas além da materna vai influenciar no processo de variação e mudança da palatalização.

Matté (2009) fez análise com 16 entrevistas (oito mulheres e oito homens) em Caxias do Sul (RS), obtendo 9.006 contextos para aplicação da regra. A análise revelou que 35% dos contextos têm palatalização, porcentagem próxima da cidade de Antônio Prado (RS), que apresenta 30% de palatalização em seu total (Battisti, 2014). Em Caxias do Sul, os índices encontrados (72% de aplicação para jovens) indicam que a palatalização seja processo variável de mudança em progresso, ao passo que em Antônio Prado a aplicação da regra ocorre em 42% (dos jovens) dos contextos. Mesmo com um índice mais alto entre os jovens do que as outras idades, não é considerado uma mudança em progresso, pois a comunidade apresenta estabilidade e com isso ao passar do tempo, os jovens podem abandonar esta regra.

A palatalização em Santa Catarina parece apresentar tendências similares ao processo no RS. Pagotto (2001) estudou a palatalização de /t/ e /d/ em Florianópolis, Santa Catarina. Incluiu na análise a variante africada (não palatalizada), estágio intermediário do processo, de acordo com o autor. Os resultados apontaram 18% para a frequência total de palatalização e 21% de africada. Esses resultados indicam a estabilização da variação, motivada pelo que o autor chama de "crise de identidade": as variantes palatalizadas, africada e não africada, estão em tensão, originada pelo estranhamento dos nascidos em Florianópolis com os turistas e novos habitantes da ilha, tensão essa que ora implementa a mudança, ora provoca resistência.

Battisti e Guzzo (2009, p. 127) investigaram o fenômeno em Chapecó - SC. Foram analisadas dezesseis entrevistas, das quais obtiveram-se 9.946 contextos de palatalização. Os resultados do estudo mostram que em Chapecó a aplicação da regra foi de 31%, ao contrário de outras cidades, por exemplo, Antônio Prado, Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul. As regras são promovidas por jovens do sexo feminino.

Podemos perceber que tanto no RS como em SC os jovens palatalizam mais do que informantes mais velhos, o que pode ser um indício de que a palatalização seja uma regra variável de mudança em progresso. É importante mencionar que tanto em Chapecó quanto em Caxias do Sul e Antônio Prado, há influência do italiano, que é um elemento importante quando se fala em palatalização. Sendo assim, neste estudo iremos verificar se a geração mais

jovem apresentará taxas mais altas de palatalização ou não.

Nesta pesquisa, nossa hipótese é que provavelmente o contato linguístico deve ter aumentado com o passar dos anos, assim aumentando a mudança palatal. Portanto, os jovens de hoje em dia devem ter aumentado os índices de palatalização. Além disso, espera-se encontrar variação no uso de /t/ e /d/ diante de /i/ e /e/ por Chapecó ser uma cidade que tem no seu histórico um contato maior com línguas de imigração, como a italiana e a alemã. Boa parte da população de Chapecó é constituída por gaúchos descendentes de imigrantes europeus, que deixaram sua terra natal em busca de melhores condições de vida. Os imigrantes italianos se instalaram nas regiões gaúchas a partir de 1882 e, com as dificuldades que encontraram lá, decidiram ocupar as terras do Oeste Catarinense. Por muitos anos e, para alguns, por toda vida, o italiano foi a única língua conhecida. Mas com o passar do tempo, e por muitos fatores, os descendentes de imigrantes que se instalaram na região sentiram a necessidade de falar o português (Spessatto, 2003).

Além da herança europeia, a variação pode ser impulsionada por contatos linguísticos decorrentes de mobilidade social e fluxos migratórios motivados por atividades socioeconômicas. Isso foi o que demonstraram Gutierrez, Rockenbach e Battisti (2023), em investigação sobre a variação de /R/ em coda silábica no município de Passo Fundo (RS): a variante rótica aproximante retroflexa /ɹ/ apresenta índices expressivos (em torno de 40%) se comparada a outras localidades gaúchas, onde a variante tepe alveolar /r/ predomina. A caracterização sociohistórica de Passo Fundo parece ser semelhante à comunidade chapecoense neste sentido, e merece nossa atenção. No entanto, esta é uma hipótese que não será aprofundada neste momento.

Nesse contexto, o objetivo geral do estudo é investigar a palatalização de /t/ e /d/ diante de /e/ e /i/ na fala de informantes jovens (crianças) de Chapecó/SC. Como objetivos específicos, pretendemos: (i) identificar os condicionamentos linguísticos (contexto fonológico) e sociais (sexo) que compõem a regra variável de palatalização das oclusivas alveolares; e (ii) verificar se o fenômeno da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em Chapecó/SC é um caso de variação estável ou se apresenta indícios de mudança em progresso.

Organizamos este artigo em três seções. Na primeira (Introdução), apresentamos o tema e os objetivos do estudo, bem como uma breve fundamentação teórica sobre variação linguística e sociolinguística quantitativa; e revisamos alguns estudos sobre a palatalização no sul do Brasil. Na segunda (Metodologia), descrevemos os aspectos principais da história da constituição do município de Chapecó e os passos executados para a análise de dados. Na

terceira (Resultados e discussão), descrevemos e interpretamos os resultados da análise. Por fim, a Conclusão encerra o trabalho.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 Caracterização da comunidade de fala

Chapecó localiza-se na Região Oeste de Santa Catarina, a cerca de 630 quilômetros da capital do Estado, Florianópolis, possui 254.781 habitantes (IBGE, 2022) e aproximadamente 625 quilômetros quadrados. É a maior cidade desta região, exercendo grande influência sobre o entorno, dado o processo de urbanização associado à intensa atividade agroindustrial (Radin, 2015). Cogita-se que seu nome venha do tupi "Xapeco", que quer dizer "lugar de onde se avista o caminho da roça" (Battisti; Guzzo, 2009, p. 114).



Figura 1: Localização do município de Chapecó- SC.

Fonte: <https://www.ub.edu/geocrit/-xcol/257.htm> (acesso em:11/09/2023)

Por volta do século XVII, começaram a transitar pela área onde hoje se situa Chapecó grupos de bandeirantes, até então apenas habitada por populações indígenas, especialmente pela tribo Kaingang. No século XVIII, a Região Oeste de Santa Catarina foi objeto do Tratado de Madri, que visava a solucionar questões de fronteira entre os territórios portugueses e espanhóis da América do Sul. Mais tarde, em 1884, Brasil e Argentina disputaram o controle dessa área, sendo necessária a intervenção do então presidente dos Estados Unidos, Grover

Cleveland, para que os limites fronteiriços desses países de fato se estabelecessem (Battisti; Guzzo, 2009; Rosseto, 1995).

A agricultura se desenvolveu a partir da colonização que iniciava na década de 1920, após a Guerra do Contestado, e cresce cada vez mais a partir de 1940, com a chegada de novos colonos do Rio Grande do Sul, sobretudo alemães, italianos e também poloneses, que tinham com eles uma forte experiência no cultivo da terra. Os imigrantes italianos se instalaram nas regiões gaúchas a partir de 1882 e, com as dificuldades que encontraram lá, decidiram ocupar as terras do Oeste Catarinense. Por muitos anos e, para alguns, por toda vida, o italiano foi a única língua conhecida. Mas com o passar do tempo, e por muitos fatores, os descendentes de imigrantes que se instalaram na região sentiram a necessidade de falar o português (Spessatto, 2003). Foi a partir das atividades agrícolas que se começou a criação de suínos e o cultivo de milho, feijão, arroz e de mandioca. Nesta época, foi criado o primeiro frigorífico e abatedouro de suínos (Radin, 2015), atividade socioeconômica atual de referência em Chapecó, que conta com vários frigoríficos.

No início do século XX, quando os recursos naturais da área já vinham sendo explorados, a região tornou-se palco de mais uma disputa, a Guerra do Contestado, dessa vez entre Paraná e Santa Catarina. Segundo Santos (1998), a Guerra do Contestado iniciou-se em 1912 motivada não só pelos conflitos em relação aos limites territoriais entre os Estados, mas também pelas pressões para regularização da posse de terras por parte de sertanejos que exploravam erva mate e madeira na região. Em 1917, um ano após a derrota dos sertanejos na Guerra do Contestado, o presidente brasileiro Wenceslau Braz dividiu os territórios em disputa entre os estados envolvidos. Foi assim que, conforme Santos (1998), o governo catarinense passou a incentivar a ocupação e o desenvolvimento do oeste catarinense. Criaram-se, através de lei, os municípios de Mafra, Porto União, Joaçaba e Chapecó, como também empresas colonizadoras de exploração de recursos naturais. Colonos oriundos do Rio Grande do Sul foram os fundadores de Chapecó, num fluxo migratório que se intensificou por volta de 1940. Aos migrantes de etnia alemã, italiana e polonesa, Chapecó deve a vocação para a agroindústria, sua mais importante atividade econômica: é reconhecido internacionalmente como grande produtor de aves e suínos.

Battisti e Guzzo (2009, p. 116) afirmam que o desenvolvimento de Chapecó devia -se à sua bem-sucedida ocupação por migrantes do Rio Grande do Sul pertencentes a diferentes grupos étnicos europeus. O município tem-se caracterizado por suas origens italianas, razão pela qual é identificado, no banco de dados VARSUL, como comunidade linguística de



colonização italiana, conforme registra Spessatto (2003). Segundo a autora, são salientes, e alvo de brincadeiras da comunidade local, peculiaridades da fala dos descendentes de italianos como a troca de vibrante múltipla por tepe em contextos intervocálicos (ca/r/o por ca/r/o), e a pronúncia lateralizada do [l] pós vocálico (ane/l/, e não ane/u/, com a semivocalização da consoante).

Em uma comunidade com essas características, é de se esperar uma baixa taxa de aplicação da palatalização das oclusivas alveolares - outra característica fonético-fonológica que é herança da imigração europeia -, mas indícios de que o processo seja variação na mudança em progresso, evidenciada pelo avanço da regra de palatalização na fala das crianças investigadas.

### 3.2 Procedimentos metodológicos

O presente estudo tem como amostra 8 (oito) entrevistas de informantes de Chapecó (SC) provenientes do *corpus* do projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina” (VMPOSC)<sup>3</sup>, coordenado pela professora Cláudia Andrea Rost Snichelotto (ROST SNICHELOTTO, 2012). A seleção das entrevistas teve por base o perfil dos informantes definido por três variáveis sociais: idade (de 8 a 12 anos), sexo (4 de sexo masculino e 4 de sexo feminino) e escolaridade (ensino fundamental I e II). Além desses critérios sociais, o informante também deveria preencher os seguintes requisitos:

- (i) falante de português; (ii) morador da cidade há pelo menos 2/3 da sua vida; (iii) não ter morado fora da região por mais de um ano no período da aquisição da língua; (iv) não causar estranheza a outros falantes da região; (v) os pais devem ter nascido na cidade. (ROST SNICHELOTTO, 2012, p. 6).

A gravação das entrevistas foi realizada no ambiente escolar por estudantes do curso de Letras - Português e Espanhol e do curso de Mestrado em Estudos Linguísticos da UFFS

<sup>3</sup> O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFFS (CEP/UFFS) sob nº 17011413.2.0000.5564. O VMPOSC foi financiado com recursos financeiros da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC (Chamada Pública nº 04/2012 Universal). Os pais ou responsáveis pelas crianças da amostra assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a gravação e coleta de dados.

*Campus* Chapecó, vinculados ao projeto de pesquisa, no ano de 2014. Em seguida, as gravações foram ouvidas e transcritas. Após a transcrição, foram levantados todos os contextos de aplicação da palatalização e registrados manualmente, identificando-se se a regra aplicava-se ou não em cada contexto. Os dados foram então tabulados em uma planilha Excel,

registrando-se, nesta sequência: palavra (dado), contexto de aplicação da regra variável (te, de, ti, di), momento da gravação em que a palavra foi falada, e aplicação ou não da regra. No documento Excel foi criada uma planilha para cada um dos oito informantes e quantificado o número de ocorrências total da aplicação e também o número de aplicação em cada um dos quatro contextos fonológicos controlados. Os dados passaram por dupla oitiva e eventuais casos duvidosos ou percepções divergentes entre as analistas foram excluídos.

Para a análise de dados, neste momento, será realizada frequência absoluta (n) e relativa (%) das ocorrências totais da palatalização, por informante e no *corpus* total, e em cada contexto fonológico controlado. Os resultados serão interpretados de acordo com as hipóteses propostas e com a literatura revisada neste trabalho.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Gráfico 1 a seguir representa a porcentagem de palatalização e não palatalização dos informantes da amostra.



Gráfico 1: Porcentagem da pesquisa

Fonte: Autoria própria

Como se pode observar no Gráfico 1, do total da amostra (n=1043), encontramos uma taxa de 23,3% de palatalização (n=243) e 76,7% (n=800) de não palatalização, resultados modestos e semelhantes a outras localidades que compartilham traços de descendência italiana, como Caxias do Sul (30%, de acordo com Matté, 2009) e Antônio Prado (35%, de acordo com Battisti, 2014), ambas no RS. Estudos sobre a palatalização em Santa Catarina

também apresentam índices modestos de aplicação da regra (18% em Florianópolis, conforme Pagotto, 2001; e 31% na fala adulta de Chapecó, conforme Battisti e Guzzo, 2009).

Esperávamos encontrar índices mais altos de aplicação desta regra variável entre as crianças/adolescentes, semelhante ao que foi verificado em Matté (2009) (72% de palatalização entre os jovens) e Battisti (2014) (42% de palatalização entre os jovens). A hipótese, então, de que a palatalização seja uma regra variável em processo de mudança não pode ser confirmada.

A Tabela 1 apresenta as frequências absoluta (n) e relativa (%) dos dados da amostra, distribuídos por cada um dos oito informantes (4 meninas e 4 meninos) e dos quatro contextos fonológicos controlados (/te de ti di/). Nas linhas da Tabela, temos os resultados por informante e sexo, e nas colunas, por contexto fonológico.

Tabela 1 - Frequências de palatalização distribuídas por informante, sexo e contexto fonológico (n=1043)

Informante	/te/		/de/		/ti/		/di/		Total/inf.	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
F (fem)	5/48	10,4	9/68	13,2	46/46	100	16/16	100	76/178	<b>42,6</b>
N(fem)	2/107	1,9	1/57	1,8	18/18	100	20/21	95,2	41/203	<b>20,2</b>
I(fem)	2/46	4,3	2/62	3,2	8/9	88,9	11/12	91,7	23/129	<b>17,8</b>
A(fem)	2/54	2,7	0/38	0	15/15	100	8/11	72,7	25/118	<b>21,2</b>
<b>Total (fem)</b>	<b>11/255</b>	<b>4,3</b>	<b>12/225</b>	<b>5,3</b>	<b>87/88</b>	<b>98,9</b>	<b>55/60</b>	<b>91,7</b>	<b>165/628</b>	<b>7,9</b>
R(masc)	0/51	0	0/18	0	12/12	100	1/4	25	13/85	<b>15,3</b>
J(masc)	0/56	0	2/18	11,1	3/3	100	0/0	0	5/77	<b>6,5</b>
N(masc)	0/73	0	1/26	3,8	32/32	100	16/16	100	49/147	<b>27,4</b>
M(masc)	2/73	2,7	0/24	0	6/6	100	3/3	100	11/106	<b>10,4</b>
<b>Total (masc)</b>	<b>2/253</b>	<b>0,8</b>	<b>3/89</b>	<b>3,5</b>	<b>20/23</b>	<b>87</b>	<b>20/23</b>	<b>87</b>	<b>78/415</b>	<b>13,4</b>
<b>Total/cont.</b>	<b>13/508</b>	<b>22</b>	<b>15/311</b>	<b>33,1</b>	<b>140/141</b>	<b>98</b>	<b>75/83</b>	<b>91,8</b>	<b>243/1043</b>	<b>23,3</b>

Fonte: Autoria própria.

A Tabela 1 nos mostra que o sexo masculino (n=78/415; 13,4%) aplica em maior frequência a regra de palatalização do que o sexo feminino (n=165/628; 7,9%), apesar de as meninas terem produzido mais palavras com contextos onde a palatalização pode ocorrer. Com exceção da primeira informante (F), as demais apresentam frequências individuais de palatalização em torno de 20% e a frequência total do grupo inferior a 10%, o que pode ser considerado uma baixa taxa de realização da palatalização. Os meninos apresentam uma tendência parecida: o informante N palataliza de forma mais expressiva (n=49/147 27,4%), enquanto que as taxas dos demais informantes deste sexo ficam em torno dos 10%, o que também pode ser considerado como uma baixa frequência de palatalização.

Nossos resultados em relação ao sexo diferem dos estudos que revisamos (Battisti e Guzzo, 2009; Matté, 2009), nos quais o sexo feminino teve mais favorecimento na palatalização do que o sexo masculino. Tradicionalmente, sabemos que são as mulheres o grupo responsável pela difusão das formas inovadoras nas comunidades. O fato de os meninos palatalizarem mais do que as meninas pode indicar que a palatalização em Chapecó é ainda um fenômeno estável, sem sinais de mudança em progresso.

Em relação ao condicionamento linguístico da regra, aquele que controla os contextos fonológicos onde a palatalização pode ocorrer, observamos que a palatalização ocorre quase que categoricamente nos contextos /ti/ (n=140/141; 98%) e /di/ (n=75/83; 91,8%). Esses resultados corroboram a tipologia fatorial proposta por Battisti e Dornelles Filho (2010) para os padrões de palatalização do português brasileiro falado em Antônio Prado (RS), como se observa na Figura 2 a seguir:

(4) Tipologia fatorial como pares <input, output>

Padrão #1	Padrão #2
</rotina/, [rotina]>	</rotina/, [rotfina]>
</medida/, [medida]>	</medida/, [medida]>
</parte/, [parte]>	</parte/, [parte]>
</onde/, [onde]>	</onde/, [onde]>
Padrão #3	Padrão #4
</rotina/, [rotfina]>	</rotina/, [rotfina]>
</medida/, [medʒida]>	</medida/, [medʒida]>
</parte/, [parte]>	</parte/, [partʃi]>
</onde/, [onde]>	</onde/, [onde]>
Padrão #5	
</rotina/, [rotfina]>	
</medida/, [medʒida]>	
</parte/, [partʃi]>	
</onde/, [ondʒi]>	

Figura 2 - Tipologia fatorial para a palatalização no PB

Na fala de crianças e adolescentes chapecoenses, a palatalização parece conformar-se ao padrão #3, em que a regra ocorre em contexto com as consoantes oclusivas alveolares /t d/ seguidas da vogal alta não derivada /i/. De acordo com o autores, em Antônio Prado, os padrões predominantes são o #3 (46% dos informantes) e #1 (35% dos informantes), cenário similar a Chapecó. A história de colonização italiana das comunidades pode ser uma das explicações para a similaridade desses resultados, e a regra variável, do ponto de vista linguístico, parece estar avançando na mesma direção.

Em palavras com /te de/, a ocorrência da palatalização é muito baixa entre as crianças: 22% para /te/ e 33,1% para /de/. As menores proporções de palatalização nestes contextos estão relacionadas às menores proporções de elevação de /e/ em sílaba átona, regra que alimenta a palatalização (Battisti; Gutierrez, 2023). É importante ressaltar que diversas das palavras com /te/ em que houve a palatalização são termos de origem estrangeira, como “notebook”, “Internet”, e também nomes próprios, como “Gorette” (nome da escola).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo investigou a palatalização das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal alta anterior /i/ e média-alta /e/ (/t/ia → [tʃ]ia, /d/ia → [dʃ]ia, fon/t/e → fon/tʃ/e, on/d/e → on/dʃ/e), na fala de 8 (oito) crianças/adolescentes de Chapecó/SC, segundo a perspectiva da Sociolinguística Quantitativa, cumprindo com seu objetivo geral: a palatalização tem taxas modestas de realização entre as crianças/adolescentes chapecoenses

(23,3%), o que parece indicar que não há, ainda, mudança em progresso na comunidade. A manutenção do falar predominantemente sem palatalização está provavelmente relacionado ao fato de os pais e demais cuidadores das crianças falarem desta forma (sem palatalização), e as crianças aprendem a gramática (língua) deste modo. Battisti e Gutierrez (2023, p. 219) explicam que “... na transmissão linguística pela aquisição da linguagem, a criança internaliza a gramática (do adulto) a que é exposta com algumas sutis diferenças”.

Como objetivos específicos, tínhamos: (i) identificar os condicionamentos linguísticos (contexto fonológico) e sociais (sexo) que compõem a regra variável de palatalização das oclusivas alveolares; e (ii) verificar se o fenômeno da palatalização de /t/ e /d/ no português

falado em Chapecó/SC é um caso de variação estável ou se apresenta indícios de mudança em progresso. Quanto ao objetivo (i), identificamos que a palatalização ocorre quase que categoricamente em contextos /ti, di/ (>90%) e que os meninos (13,4%) palatalizam mais que as meninas (7,9%).

Estudos futuros podem incluir outras variáveis sociais e gramaticais e análises estatísticas dos dados, de modo que os resultados possam ser corroborados (ou refutados) e novas explicações possam surgir para explicar a distribuição e o progresso da regra variável de palatalização em Chapecó.

## REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. *Introdução à linguística, domínios e fronteiras*. Editora Cortez, v 1, 2012.

BATTISTI, E.; GUTIERRES, A. Palatalização das oclusivas alveolares no Português Brasileiro. In: HORA, D. da.; MATZENAUER, C. *Fonologia do português e interfaces: fenômenos da aquisição e da variação*. New York: Routledge, 2023.

Battisti, E., & Dornelles Filho, A. A. (2010). A palatalização variável das oclusivas alveolares num falar de português brasileiro e sua análise pela Teoria da Otimidade. *Letras De Hoje*, 45(1).

BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto Ayjara. Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha (RS): variação linguística e práticas sociais. *Alfa*, v. 56, n. 3 (2012), p. 1117-1149, 2012

BATTISTI, Elisa; BISOL, Leda. O Português falado no Rio Grande Do Sul. In: *Palatalização de /t/ e /d/*. Porto Alegre: EDIPURCS, 2014. 132p

CEDERGREN, H. The interplay of social and linguistic factors in Panama. Tese de Doutorado. Cornell University, Department of Linguistics, 1973.

DIAS, Eva Christina O. Uso variável das oclusivas alveolares /t, d/ em Florianópolis. *Work. pap. linguíst.*, n.esp.: 01-19 Florianópolis, 2010

FIORIN, José. *Introdução à linguística: I Objetos teóricos*. (2008). São Paulo: Editora Contexto.

GOMES DE OLIVEIRA, Samuel; MAJOLO ROCKENBACH, Livia; GUTIERRES, Athany. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268–291, 2022. DOI: 10.22456/2238-8915.122962. Disponível em:

GUZZO, Natália ; BATTISTI, Elisa. Palatalização das oclusivas alveolares: O caso de Chapecó-SC. In BISOL, Leda. COLLISCHONN, Gisela. *Português do sul do Brasil, Variação fonológica*. Porto Alegre: Edipucrs. 2009

INSTITUTO, Brasileiro de Geografia e Estatística. Densidade demográfica: Censo 2022: População e Domicílios - Primeiros Resultados - Atualizado em 27/10/2023 Cidades e Estados. *IBGE*.

INVENTÁRIO, Nacional da Diversidade Linguística. Diversidade Linguística - No Brasil, são faladas mais de 250 línguas. *IPHAN*.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

MACAULAY, R. K. S. *Language, Social Class and Education: A Glasgow Study*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1977.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (2001) (orgs.) *Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras*. Volume 1 . São Paulo: Cortez Editora.

MATTÉ, Gabriel, Gudo. Palatalização em Caxias do Sul -RS. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n.o 38, junho de 2009. p. 43-55.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza(2012)(orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo. Editora Contexto. Ed 4; 1ª reimpressão- 2010.

MODARESSI, Y. A sociolinguistic analysis of modern Persian. Tese de Doutorado. University of Kansas, 1978.

NOLL, Volker. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo.2008

PAGOTTO, E. G. *Variação e (') identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.

RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. (Org.). *História da Fronteira Sul*. Porto Alegre, RS: Letra & Vida, 2015. 352 ISBN 9788584480210.

ROST SNICHELOTTO, C. A. *Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina*, 2012. Plano de Trabalho Chamada Pública FAPESC n. 04/2012 Universal.

SANTOS, Heric Gabriel Vieira; GUTIERRES, Athany . O comportamento da vogal média anterior átona /E/ no português falado em Passo Fundo- RS. *Revista do GELNE*, v. 24, número 2, 2022 ISSN: 2236-0883 ON LINE

SPESSATTO, Mary Bortolanza. *Linguagem e colonização*. Chapecó, SC: Argos, 2003. 125 p. (Oeste Catarinense Paradidáticos) ISBN 8575350420 (broch.).

TARALLO, Fernando. A relação entre a língua e a sociedade. In: TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. Editora Ática S.A. São Paulo, 1986.

TRUDGILL, P. *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1974.

WOLFRAM, W. *A Sociolinguistic Description of Detroit Negro Speech*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1969.